

Livro Aberto: Os livros da vida do ministro aposentado Flávio

Bierrenbach



Spacca" data-GUID="flavio_bierrenbach.jpeg">Depois de passar uma

década de sua vida julgando processos no Superior Tribunal Militar, o ministro aposentado Flávio Bierrenbach ainda não estabeleceu uma rotina em São Paulo, mas garante que está próximo de entrar no ritmo. Por enquanto, usa o tempo livre para finalizar as 200 notas de rodapé da sua nova obra: *Dois Séculos de Justiça*. Ele escreveu uma biografia sobre os onze ministros formados pelo Largo São Francisco que o antecederam no STM. O ministro recebeu, na última semana, a reportagem da **Consultor Jurídico** em seu aconchegante apartamento para falar dos livros e autores que marcaram a sua vida.

Bierrenbach ficou com os olhos marejados ao lembrar-se de suas primeiras leituras, na casa de suas avós, em Sorocaba, interior de São Paulo. Foi lá onde começou a sua paixão por livros. A de pilotar veio depois, na pós-adolescência. O maior *hobby* do agora advogado é pilotar seu próprio avião, um tecteco de 1946, que ficou esses anos todos esperando a disponibilidade de seu dono para pilotá-lo.

Ele conta que seus avôs paternos, por serem professores, já cultivavam uma bela biblioteca e era lá, naquele espaço ímpar, que passava parte de suas férias e feriados prolongados acompanhado de Monteiro Lobato. “Eu era a única criança, o neto mais velho, e a casa era muito grande, coisa típica do interior. Então, numa fase que não havia televisão e o rádio ficava ligado praticamente o dia todo, o jeito era ler muito”, contou saudoso. Hoje, o ministro também é avô, mas, infelizmente, sua biblioteca não chama a atenção dos netos quando se tem um computador por perto. “Quando eles [netos] estão aqui, passam o dia nos joguinhos eletrônicos”.

O tempo que passou no colégio Mackenzie, durante o ensino fundamental e médio, também marcou a vida de Flávio Bierrenbach. Ele sabe citar com precisão nome e sobrenome dos mestres que influenciaram diretamente a sua formação cultural. Gostava, em especial, dos de Língua Portuguesa. É



que, segundo ele, não tem a menor vocação para matérias exatas. “Sou péssimo em Química, Física e Matemática. Gosto das ditas ciências humanas”, confessou. Ele, curiosamente, vem de uma família de engenheiros. É o único advogado da família. Sua filha também fez Direito, mas não advoga. É diplomata e está nos Estados Unidos.

Ainda durante a conversa, o ministro aposentado do STM falou com orgulho de seu primeiro cliente no retorno à advocacia, o Centro Acadêmico XI de Agosto. “O cliente solicitou um trabalho, já o fiz e está entregue”, disse entusiasmado ao reforçar que advogar é sua sina. Ouvir música clássica americana é também outra paixão. “Sou muito chato para música. A maior parte daquilo que se houve hoje não é música, é ruído”.

Vale destacar, ainda, que Bierrenbach foi um dos principais arquitetos da célebre Carta aos Brasileiros, lida em 1977 pelo professor Goffredo da Silva Telles Jr. O ministro também ajudou a impulsionar a carreira de nomes como Celso de Mello, que hoje é um dos ministros mais garantistas do Supremo Tribunal Federal; Luiz Antonio Guimarães Marrey, atual secretário de Justiça de São Paulo; e Pedro Dallari, reconhecido advogado e professor. Os três trabalharam no gabinete de Bierrenbach quando ele foi deputado estadual em São Paulo, pelo então MBD, a partir de 1978.

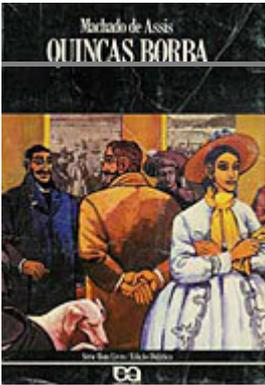


Quando questionado qual livro marcou mais a sua infância, Bierrenbach não hesitou

em dizer rapidamente o nome do seu autor preferido: Monteiro Lobato. Tanto que não soube apontar qual volume gostou mais. Para ele, a coleção toda é mágica. Ainda garante que o autor é um dos cinco grandes prosadores da Língua Portuguesa no Brasil. “Aliás, é uma leitura a qual volto com muita frequência”, acrescentou.

Literatura

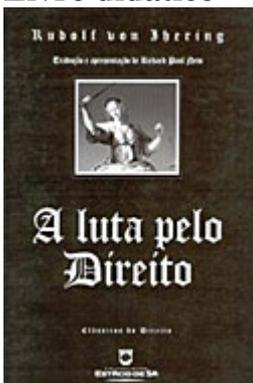
Divulgação



Literatura brasileira é uma das preferidas do ministro, que já leu obras dos principais

prosadores nacionais. Ele adverte, contudo, que não é muito afeiçoado a poesia. Diz ter constatado não ter a sensibilidade que uma pessoa precisa para entender de poesia. Superada a auto-análise, ele conta à revista **ConJur** que a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, é o maior livro de literatura brasileira. Ele classifica a obra como a de número 1. “É um livro fundamental, na forma e no conteúdo”. Bierrenbach também cita *Quincas Borba* e *Dom Casmurro* que, para ele, são livros de leitura essencial. Faz questão também de reforçar que tem toda a obra de Machado de Assis.

Livro didático

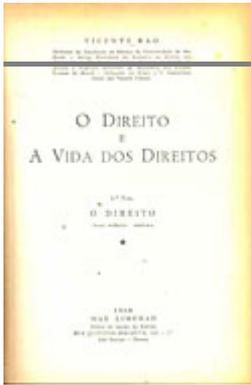


“Eu tive um ginásio e um curso médio de primeiríssima categoria, com quatro

professores de português excepcionais e até hoje tenho seus livros, que volta e meia eu volto a lê-los. Um deles é Gramática Expositiva de Eduardo Carlos Pereira. Está aqui na minha estante, desde a época de ginásio”, conta com orgulho o ministro. Já na faculdade, outros três livros ajudaram a formar as crenças de Flávio Bierrenbach. O primeiro foi *A Democracia na América*, de Alexis De Tocqueville. O outro é *Cidade Antiga*, do francês Fustel de Coulanges. E o terceiro é a *Luta pelo Direito*, obra básica do jurista positivista alemão Rudolf von Ihering.

Livro jurídico

Divulgação



Goffredo da Silva Telles Junior, morto em julho de 2009, foi um dos professores que

mais influenciaram na formação intelectual do ministro aposentado, com o livro *A Formação do Direito*. Ele foi seu professor no primeiro ano e com o qual manteve laços de amizade até a sua morte. Depois foi a vez da obra *O Direito e a Vida dos Direitos*, de Vicente Rao, que foi muito importante também para Bierrenbach. “Esse um livro de leitura lenta, demorada. O resto, os livros de Direito, não são para ler. Eles são para consultar”, disse.

Li e recomendo



Flavio Bierrenbach, como bom leitor que é, está lendo três livros simultaneamente:

Rio das Flores, título do segundo romance do escritor português Miguel Sousa Tavares, lançado no final de 2007. A segunda obra é *O Homem que roubou Portugal*, que conta a história do maior golpe financeiro de todos os tempos. Já a terceira indicação é *Fé na Luta*, da socióloga Maria Victoria de Mesquita Benevides. Na obra, ela reconstrói a trajetória da Comissão Justiça e Paz de São Paulo (CJP-SP), criada em 1972. O livro resgata o papel fundamental da comissão na militância pelos direitos humanos, desde do período sombrio da ditadura militar até o início do século XXI. Ele diz que os três são boas dicas de leitura.

Date Created

03/03/2010